



Ano X, v.10, n.º19/20, 2014
pp. 1-14

POEMAS DISJUNTOS

*

A Poesia Vai Acabar

A poesia vai acabar, os poetas
vão ser colocados em lugares mais úteis.
Por exemplo, observadores de pássaros
(enquanto os pássaros não
acabarem). Esta certeza tive-a hoje ao
entrar numa repartição pública.

Um senhor míope atendia devagar
ao balcão; eu perguntei: «Que fez algum
poeta por este senhor?». E a pergunta
afligiu-me tanto por dentro e por
fora da cabeça que tive que voltar a ler
toda a poesia desde o princípio do mundo.

Uma pergunta numa cabeça.
— Como uma coroa de espinhos:
estão todos a ver onde o autor quer chegar? —

Manuel António Pina

*

For seven days they shouted at me:
You are waging war on Allah!
Saturday, because you are an Arab!
Sunday, well, you are from Ahvaz
Monday, remember you are Iranian
Tuesday: You mock the sacred Revolution
Wednesday, didn't you raise your voice for others?
Thursday, you are a poet and a bard
Friday: You're a man, isn't that enough to die?



Afreudite

Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada

Ano X, v.10, n°19/20, 2014
pp. 1-14

Durant sept jours, ils m'ont crié :
Tu a déclenché une guerre contre Allah !
Samedi, parce que tu es un Arabe !
Dimanche, et bien c'est parce que tu es de Ahvaz
Lundi, pour que tu te souviennes que tu es Iranien
Mardi, parce que tu te moques de la Révolution sacrée
Mercredi, n'as-tu pas élevé ta voix pour d'autres ?
Jeudi, tu es un poète et un barde
Vendredi : tu es un homme, n'est-ce pas suffisant pour mourir ?

Hashem Shaabani, poeta iraniano, enforcado em 26 de janeiro 2014

*

sem um numero
um numero
numero
zero
um
o
nu
mero
numero
um numero
um sem numero

Augusto de Campos

*

Lá onde mora o perigo, está também a salvação

Hölderlin



Ano X, v.10, n°19/20, 2014
pp. 1-14

Everton V. Machado

Nasceu em Divinópolis, no estado brasileiro de Minas Gerais, em 1975. Publicou dos 11 aos 13 anos de idade três livros de poesia: *Asas da Liberdade* (1987), *Sempre* (1988) e *Memorial do Itinerário* (1989), que chamaram a atenção de escritores como Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado e João Cabral de Melo Neto. Na mesma altura, começou a colaborar na imprensa escrita, tendo chegado aos 19 anos a dirigir o telejornal de uma emissora de sua cidade afiliada à Rede Cultura de São Paulo. Paralelamente, cursou dois anos de Direito. Na capital do estado, foi editor e diretor de programas televisivos para um canal por cabo. Em 1998, passou uma curta temporada em Cuba, na Escuela de San Antonio de Los Baños, fundada por Gabriel García Marquez, numa oficina de escrita de guiões para cinema. Em 2008, doutorou-se (PhD) na Universidade de Paris-Sorbonne/Paris IV). Atualmente é Investigador Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde também colabora como docente. Dedicar-se ao estudo do Orientalismo Português (especialidade Índia). Membro integrado do Centro de Estudos Comparatistas, desenvolveu aí de 2010 a 2013 um projeto de pós-doutoramento sobre a literatura de língua portuguesa de Goa. Ensinou na Universidade de Paris-Sorbonne/Paris IV e na Universidade Lumière Lyon 2. Em 2012, publicou em França, através das Éditions Classiques Garnier, uma edição crítica do primeiro romance indiano escrito em português: *Os Brahamanes* (*Les Brahmanes*), do goês Francisco Luís Gomes, publicado originalmente em 1866. É co-autor de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara – 1809-1879 (Biblioteca Nacional de Portugal, 2009) e o co-organizador, com Duarte D. Braga, de um volume de ensaios intitulado *ACT 27 – Goa portuguesa e pós-colonial: literatura, cultura e sociedade* (no prelo).

*

Há essa esperança de que uma só palavra
contenha tudo a que a vida
se resume. Num limiar qualquer
guardada, diante de um espelho,
que não sei se nos ignora ou se abre.

Na minha primeira dança
com o mundo, a meu par,
fazia eu só perguntas; agora outro
apoderou-se dos meus braços

e – sempre sem respostas nenhuma –
quero apenas que contra
o seu peito sem ser por diversão
me aperte, com toda a força que puder.



Ano X, v.10, n°19/20, 2014
pp. 1-14

*

Há dias em que o tempo
como que torna
de uma foto
a que ficara apegado

e tem mais cor
que o trato
que com o presente
fizemos.

Abarca a tudo
e por um segundo
parece que nos
destituirá do mundo.

Mas mesmo ausentes
não há porquê
não seguirmos
nem, desbotados,

que mínima luz
não incida:
fiéis que somos
em atiçar o fogo vazio



Ano X, v.10, nº19/20, 2014
pp. 1-14

Sandra Viola

Membro da escola Brasileira de Psicanálise/Associação Mundial de Psicanálise, Assistente Social graduada pela PUC Rio de Janeiro (1983), Mestre em Psicologia Clínica, Area de Psicanálise, pela PUC Rio de Janeiro (2008), Professora de cursos de extensão do Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro, Professora em curso de extensão do curso de especialização em Psicanálise para Infância e Adolescência do Hospital São Zacharias da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro (SEPAI), Psicanalista em clínica privada desde 1984, Poetisa.

*

1

Há avesso

no verso

que escrevo

verso vesgo

diverso

da linha reta

e direta

do que pensava

dizer

2

No turno

da noite cálida

me torno

desesperada e pálida

No sonho

não mais habitas



Ano X, v.10, nº19/20, 2014
pp. 1-14

a pele dos vivos

3

Sua língua
de graves sons
e metáforas agônicas

lambe
meu dó ré mi
faz sol lá sim

4

Quando a mulher
se escreve já
na forma de poema
rabisca a menina
mil vezes à beira,
mas não toda lá.

5

No avesso
da noite cálida
não calo
meu mínimo verso



Afreudite

Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada

Ano X, v.10, nº19/20, 2014
pp. 1-14

múltiplo e comum.



Ano X, v.10, nº19/20, 2014
pp. 1-14

Susana Bravo

Poetisa, escritora (*Prazeres de Eros*, Eudito, 2013; *Novos Contos de Natal*, Editora Vieira da Silva, 2011). Licenciada da Faculdade de Letras da Universidade Nova de Lisboa, em Línguas, Literaturas e Culturas Estudos Românicos. Tese de Mestrado da Faculdade de Letras da Universidade Nova de Lisboa, sob a orientação de Nuno Júdice (publicada com o título *A Fala do Corpo*, Eudito, 2013).

Frutos vermelhos

No amor o fruto mais apetecido
É o morango em flor, é aquele
Que me delicia nas tuas mãos.
Fruto vermelho oferecido
Riste em flor vermelho estonteante
Morro quando padeço, se não eu assim acabo!
Apaixonante, no amor errou.
No amor o fruto mais apetecido
É quando tu me amas!
Quando já não há mais se não a espera
Quero-te tanto
Amor pela escrita, e pela música, pelos
meus lábios que ora choram, ora cantam
Quero amar o teu corpo
Dá-me o nome!
Esse nome que em tudo espero
E em tudo alcanço para lá dele
O meu corpo é de mulher sensível!



Afreudite

Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada

Ano X, v.10, nº19/20, 2014
pp. 1-14

Não me arrasto, e não me esqueço

Vem até mim, em tudo neste todo!



Ano X, v.10, nº19/20, 2014
pp. 1-14

*

O sorriso estampado

No meu rosto que vês
Iguala-se ao corpo que tocas
E sentes, a tudo o que resta.
Mas este sorriso pode desaparecer
Se não for bem tratado e adiado
Se não for merecido e ultrajado
Então o meu corpo
Equivale a esse sorriso que
tu podes ver se assim for feito!
Para o teres, no meu rosto assim
Logo o veres tão perfeito



Ano X, v.10, n°19/20, 2014
pp. 1-14

Pia Hylén

Poetisa, psicóloga, psicoterapeuta e psicanalista. De nacionalidade dinamarquesa, Pia Hylén viveu em vários países, como a França e os Estados Unidos da América, e reside em Portugal há vários anos. Ela é atualmente a Vice-Presidente da ACF.

Œdipe Délire

Œdipe délire
pour envahir
dire traduire
ou épanouir
pour obtenir
plus de plaisir
sans réfléchir
sans enlaidir
só approfondir
sim refroidir
ni abolir
ou appauvrir
Mais dé-cherir
et désépaissir
sans prévenir
ni abrutir
l'élixir



Ano X, v.10, n°19/20, 2014
pp. 1-14

de retenir
et repentir
et reconvertir
l'engloutenir
de reconquérir
tout ce qu'il n'a jamais fait - maudire

*

Suspendue

Suspendue dans l'arbre analytique –
j'ai faillis lâcher –
maintenant je me tiens –
bien –
je me détiens –
entretiens -
cependant que le fleuve passe en dessous -
me tient à ces textes –
des paroles écrites mais qui sonnent avec sa voix –
ses paroles nous maintiennent –
nous soutiennent –
c'est du bouche à l'oreille –
du bouche à la fleuve au vent –
la bouche qui défleurie -
au nom du ceux qui non-errent –



Afreudite

Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada

Ano X, v.10, n°19/20, 2014
pp. 1-14

au nom du père –
qui erre –
comme tout père –
qui cherche et qui fouille pour frayer un chemin –
pour mettre le pied –
un par un –
pour mettre notre corps –
ou juste notre trace –
Dans l'impasse qui passe dans le vent de Lacan –
qui souffle encore et encore –
sommes nous là? somnolons –
nous nous rapprochons –
cette passe qu'on passe quand on passe la passe –
et encore nous nous passons parfois de cette impasse –
au lieu de passer –
justement –
ou juste glisser sur un pied –
s'entrefiler –
se faufiler –
se mutiler pour y passer -
bien sur pied –
bien sûr sur pied –
sans tomber dans la faille –
sur laquelle on risque de glisser quand on passe –
C'est la trace du symptôme –



Afreudite

Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada

Ano X, v.10, n°19/20, 2014
pp. 1-14

comme le nombril parfait qui témoigne du passé –
le symptôme nous rapproche de se qui nous éloigne –
qui nous tient à part –
à distance de nos désirs -
mais la seule porte qui nous mène –
est blindée –
on passe à travers –
c'est un vrai calvaire qui nous est très chère mais sans repère -
accablé –
on surfe le réel.....